

Suplemento Cultural

N.º 6

revista paulista de medicina

O Médico São Lucas e Eurico Branco Ribeiro

Dr. Duílio Crispim Farina(*)

Em noite de ufanias, em momento para mim altamente marcante, chego aos umbrais da Academia Cristã de Letras, cujas portas foram-me descerradas pela consideração universal de seus membros, doutos, generosos e de alta correção, todos a esplenderem com seus nítidos perfis, assomando, inteligência e cultura, nos ápices escarpados da perfeição, mas também plenos, sem exceções, das fragrâncias da espi-ritualidade cristã.

Na cadeira que tem como patrono Lucas, médico e santo, e que viu as passadas formidandas de meu preclaro antecessor, Eurico Branco Ribeiro, esculápio, cuja vida foi santificada por um ideal samaritano, também médico, assento-me, contrito, em lembranças e saudades sob a égide das homenagens que não atingem somente ao seguidor de Hipócrates, mas a toda uma corporação.

Homenageais, excelsos confrades, insígnies pares, todos aqueles que em chãos paulistas santificaram a gleba e o penates com suas vocações de eleição, em testemunhos e gestos, de um trabalho divino de aliviar a dor e mitigar o sofrimento. Na saga paulista, na portentosa epopéia da civilização de Piratininga, doutos mestres da Ciência Esculápio, vates e bardos, historiadores, humanistas, homens de letras em todos os modismos, registram as suas facetas luminosas, engrandecendo seus dias e seu tempo.

Ainda no século passado Carlos Botelho, com sua Casa de Saúde no aterrado do Brás, Pereira Barreto, positivista de doutrina e destacado higienista e sábio, Arnaldo Vieira de Carvalho, o condestável, sempre, mas jamais integralmente decantado. Caetano de Campos e Cesário Mota, educadores de um pioneirismo ímpar; Franco da Rocha, apóstolo dos insanos e mais Alberto Seabra, Domingos Jaguaribe, Joaquim José de Carvalho, psicólogos, historiadores e beletristas. Raul Briquet, Ernesto de Souza Campos, Antonio de Almeida Prado e Antonio Carlos Pacheco e Silva, numes tutelares de minha formação, mestres a cujas filiações devo os incrementos pessoais de entusiasmo e veneração pelas tradições das letras e das ciências da Pátria estremeçada. Martins Fontes, Luciano Gualberto poetas de um São Paulo, ainda romanescos e belos. Carlos Alberto Nunes, o inesquecível Octacílio Lopes, Leite Cordeiro, Lycurgo Santos Filho, Mário Graciotti, Edmundo Vasconcelos, todos a enaltecerem a cultura de uma classe, a dignificarem preceitos de conduta e gestos de escribas com labores da pena e da palavra escoreita e castiça. E mais

Ulisses Paranhos, Eduardo Guimarães, criadores de Universidade, Claudio de Souza e o excepcional José Geraldo Vieira. E ainda Oscar Freire, Flaminio Favero e o saudoso Arnaldo Amado Ferreira, triade soberana da Ética e da Deontologia em Medicina. Venho, com vossos assentimentos, assentar-me nesta cadeira para exaltar perenemente seus feitos, suas obras de físicos e cirurgiões, antes de tudo de Poetas do Bem e do Bom, senhores de azas de gigantes que levam o seu tempo, os seus dias aos páramos imarcescíveis do sonho, do Belo em olores de quase santos, das Letras, da Forma, da Rima e da Perfeição.

É a Academia Cristã de Letras a Casa entregue à invocação de São Francisco de Assis, o Poverello, filho da Umbria, Nazareno da Idade Médica que veio reconfortar e soerguer a Humanidade sempre desfalecida e entregue ao que não é Certo nem Verdadeiro. Trazia ele no burel a simplicidade do gesto e a meiguice da palavra e compreensão sem fim, para o elevar das gentes sofredoras; e mais, no alforge, o sacrosanto lenitivo para as almas, em pena: Amor e Solidariedade. Distribuía o mais completo e suave dos bálsamos, as evidências da Vida Eterna, a coroação definitiva no Reino do Pai, a afirmação do primado das forças do espírito e do coração.

O santo de Assis expressa em suas passagens terrenas os eflúvios, a afirmação soberana dos postulados de Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Pequeno no porte e talhe, incomensurável nas emulações e embates, suas atividades não tinham sustas, nem lindes as variegadas tendências de seu agir nos múltiplos desvãos da sociedade e nas oficinas de trabalho, nosocômios e salas de consulta. Perlustrava-se em seus olhos a certeza, a chama de uma determinação irreversível: a ação comunitária. Antes de mais nada, Eurico Branco Ribeiro construía, lidador intemorato. Tecia as malhas, a trama de núcleos de ação, entidades várias, e transfundia objetivos; levava o grupo a executar metas sabiamente preconcebidas e delineadas. Campanhas rotárias, o Pen Clube, em seguimentos ao inesquecível Ernesto de Souza Campos, entidades de escritores médicos, associações de esculápios, em variantes de ciência e cultura, atestam o jornadaar terreno em construções sempre positivas e jamais interrompidas. Associou seu nome aos primeiros dias do hoje pujante, jequitibá imenso que é a Associação Paulista de Medicina. Alicerçou, aprofundou as raízes da Sociedade de Medicina e Cirurgia e fê-la Academia. Discípulo e seguidor das virtudes da escola de Benedito Montenegro, o Hospital São Lucas, de sua lavra, núcleo de Medicina e Beneficência, enfatizou um estadear de respeito, mas a luminosidade resplandia de sua caridade desprendida, em institui-

Oração proferida pelo Dr. Duílio C. Farina, por ocasião de sua posse na Academia Cristã de Letras, na cadeira que tem como patrono São Lucas e cujo primeiro ocupante foi o inesquecível Eurico Branco Ribeiro.

ções em que os anseios espiritualistas eram semelhantes aos objetivos: Amar o próximo como a ti mesmo. O desvalido e o sem enxerga, o roto e o chegado tiveram as eleições prioritárias do labor mais alto deste tecelão infatigável da solidiedade humana.

Os antigos caminheiros de peregrinações e romarias aos santuários de Deus, paladinos da fé, pregoeiros da Boa Nova levavam nas alpercatas, nas sandálias devoradoras das mil e uma léguas, um testemunho da Comunhão Redentora. Roma, Jerusalém, Santiago de Compostela viram o bordão do viajor, cajado de uma visitação santificada. Eurico Branco Ribeiro, peregrino de romaria pelos santuários da Bondade deixava aonde passasse as marcas inapagáveis de suas peregrinas virtudes.

Viver em convivências fraternas e empáticas, aglutinador de afinidades recíprocas, em uma longa e não menos meritória vida, seu vulto foi sempre acolhido com respeito, e aplaudido, no que esplendeu de forma sistemática e sem descansos. Com gesto decidido e não menos pronto as ações se refletiam em dezenas de pontos do planeta, em terras d'além mar, nas Américas, na velha Europa, continentes vários e países quase todos, em Encontros e Congressos de Medicina, das Letras e da Cultura. Cônsul de instituições internacionais, era o pólo carreador e ao mesmo tempo irradiante nas plagas brasílicas, todas a receberem seu calor humano e companheirismo maior, em idéias e desejos de integração, quase sempre realizados.

O testemunho, mais antigo e autorizado de Papias, torna, desde cedo, Marcos o intérprete de Pedro. Os escritos do segundo Evangelho seriam a cópia exata da catequese oral de Pedro, em infícios com o batismo de Jesus, e o término com o seu aparecer após a Ressurreição. Justino Mártir, em meados do século II chama-o "Memórias" de Pedro. Irineo no ano 180, Clemente Alexandrino, em 200 D.C., e Eusébio endossam ser Marcos o escriba das prédicas de Pedro na Cidade Eterna.

Por sua vez, o terceiro Evangelho tem por autor Lucas, abreviatura de Lucano. No cristianismo dos primeiros momentos Lucas aparece como um satélite do astro Paulo que o chama de "amado médico". Originário de Antióquia, não hebreu, e sim helenista de estirpe e de educação, ingressou na fé cristã, muito antes do ano 50, e em verdade nunca foi discípulo de Jesus, nem mesmo o viu. Pouco depois, já está na segunda viagem missionária de Paulo de Tarso, provavelmente também com o fito de prestar-lhe assistência médica, já que havia sofrido o converso da Estrada de Damasco, d'uma enfermidade, insidiosa e pertinaz. E assiste a História da Religião o peregrinar de Paulo, com Lucas como sua sombra, até os derradeiros dias. Nos encarceramentos em Roma, por duas vezes, cuida-o, merecendo em carta que é quase o testamento do apóstolo, já próximo do ocaso, a comovedora afirmação: "Só Lucas está comigo" (II Tim. 4, 11). São Jerônimo reconheceu Lucas nas citações, na carta aos coríntios, como o irmão cuja propulsão, a alavanca está na Boa Nova, difundida em todas as igrejas fundadas por Paulo.

O gládio e a lança, na Gália, Britania, nos Jardins das Hespérides, desde as fraldas meridionais do Líbano até o promontório do Monte Carmelo, em Ptolemaida, no Tiro, na Judéia, até a Armenia, tornam o "Mare Nostrum" um lago, imenso lago romano. As passadas das centurias e legiões ecoam até o distante Caucaso de Hercules. Unidade rumor crescente as velhas Colunas de Hercules. Unidade política, regida pelo Direito Romano, em vértices de conquista do gênero humano, mas mercê apenas concedida ao cidadão do Império. Terreno unitário, nele vingará, presto, o monoteísmo do único Deus, que um dia Zeus ou Jupiter, será Jeová, e logo o Padre Eterno, de judeus e de todos os gentios. Paulo e Lucas levam a mensagem ao não circunscrito; e Roma terá trono, expressão da vitória de nova Diaspora da Crença e da Fé, vitória do Messias, sedimentos da ação de Paulo e Lucano.

Lucas, ou Lucano, o Grande Evangelista, jamais viu Cristo. Tudo quanto está inscrito em seu eloquente Evangelho foi adquirido de pesquisas, ouvindo relatos e testemunhos, a Mãe de Deus, os discípulos e os outros apóstolos. Sua primeira visita a Israel teve lugar quase um ano após

a crucificação. Como Saulo de Tarso, da Cilícia, ele cria que nosso Senhor viera não apenas para os judeus, mas também para os gentios. Tinha muito em comum com Paulo, porque também este jamais vira o Cristo. Cada um tivera sua revelação. Lucas, médico e seguidor de Paulo, expressa em sua vida a história da peregrinação de todos os homens pelo desespero e trevas da existência; pelo sofrimento e angústia; com a amargura e a tristeza; pela dúvida e o cinismo; pela rebelião e desesperança até que no verdadeiro milagre acontecido encontrem Deus, na busca à revelação.

Historiador, reconstituiu itinerários, fatos e andanças; trovador, de Maria, da Virgem recebeu as nobres palavras do Magnificat, gema preciosa da literatura de todos os tempos! Mas, antes de tudo foi sacerdote de Hipócrates, esculápio, um grande médico!

As lendas e as obscuras tradições dizem de muitos de seus milagres, realizados já antes de ir para a Terra Santa: lendas do Egito, da Grécia retratam os caminho-deste escolhido de Deus, em prenúncios de santidade.

Os "Atos dos Apóstolos", ao terminarem a narração dos Evangelhos com a Ascensão, seguem narrando a propagação do cristianismo, primeiro na Palestina, depois na Síria e logo noutras regiões do Império Romano. Esta propagação gradual, tema genérico do livro, quase se anuncia no começo do mesmo com as palavras do Nazareno aos apóstolos: "Sereis meus testemunhos em Jerusalém, em toda a Judéia, em Samaria e até os extremos da Terra".

Deixando aparte as alusões e referências encontradas em escritos ainda mais antigos, já na segunda metade do século II, diz o Fragmento Muratoriano, ser Lucas, o médico, seu escriba. Não registra outra coisa, na mesma época, a afirmação de Irineu de Lyon: "porque este, Lucas de Antióquia, não foi só seguidor como também cooperador dos apóstolos e maiormente de Paulo". São igualmente do declinar do segundo século os vários prólogos Coptas, gregos e latinos, que antecedem as diversas partes do Novo Testamento, reproduzidos mais tarde com ampliações pelos "Prólogos Monarquianos" posteriores. De forma geral é nomeado como autor do III Evangelho e depois acrescentam "postremo scripsit idem Lucas Actus apostolorum". O latino Tertuliano (in De Ieiunio); o grego Clemente de Alexandria (in Stromata); Origenes, (in Celsum) e Eusébio em sua "História Eclesiástica", todos citam os "Atos" como livro do Novo Testamento e atribuem sua paternidade ao nosso patrono Lucas.

Giuseppe Ricciotti, a mais surpreendente figura de historiador da crônica religiosa neste século, autor das "Vidas de Jesus Cristo, de Paulo e da História de Israel", monumentos de erudição e alta sabinça, enfatiza ser unânime a aceitação, sem discussões, como escrito canônico, dos "Atos", composto por Lucas e incrimina as afirmações, de exceção, de São Crisóstomo e Focio, este haurido erradamente nas fontes do primeiro. Passando ao exame do escrito, os "Atos dos Apóstolos", encontram-se numerosas confirmações de sua estreita relação com o III Evangelho e da paternidade de Lucas. No prólogo, de ambos, a dedicatória é dada ao "ótimo, excelentíssimo Teófilo", e mencionam expressamente o anterior escrito que lhe foi dedicado ou seja o Evangelho, mais tarde cognominado de São Lucas.

Referem também o episódio final do escrito, a Ascensão com que também se inicia a narração nas novas páginas, de modo que resulta claríssima a conexão entre eles. Ambos os compêndios apresentam a matéria em forma de pequenos quadros unidos, à maneira de dipticos em que uma figura se contrapõe a outra. Pedro e Paulo, protagonistas das partes do livro têm, em suas traças de biografia, correspondência em conotações taumatúrgicas. Pedro cura a um paralisado, e Paulo a outro. Pedro ressuscita Tabita e Paulo a Eutico. Pedro fulmina a Ananias e a Safira e Paulo cega o mago Elimas.

A sombra de Pedro é milagrosa, o mesmo sucede a roupa usada por Paulo. O centurião Cornélio adora a Pedro como um ser divino, suscitando seus protestos e os licaonios veneram a Paulo como deus Hermes, induzindo-o às mesmas incriminações. Ambos são milagrosamente liberados da prisão, um em Jerusalém, o outro em Filipos; e assim, em

outros tantos episódios. Semelhante paralelismo, embora intencional, é significativo. A eleição e a apresentação do seu material narrativo demonstram a proposição de Lucas, a tese primeira e eloquente que pode encontrar-se nas palavras de Paulo: "pois que Deus obrou em Pedro para o apostolado entre aqueles da circunscrição, obrou também em mim para os gentios".

As características de Lucas, helenista médico e amigo de Paulo, encontram-se bastante claras em seu Evangelho e nos Atos dos Apóstolos. O literato helenista aparece desde as primeiras linhas de suas frases, sempre com meditado prólogo que mostra ademais surpreendentes semelhanças de expressão e de distribuição com aquele do livro "Sobre a Matéria Médica", de Pedânio Dioscórides, que era não só colega de profissão e contemporâneo de Lucas, como tendo nascido na região de Tarso, era contemporâneo de Paulo. O grego de Lucas não é o clássico da Ática, porém mostra, sem embargo, um refinamento não comum para um escritor da Hélade.

O léxico é rico e a meudo literário, a expressão torneada e grave, de tal modo que os modernos filólogos, ao proclamarem seu estilo, superior ao dos demais evangelistas, concordam substancialmente com São Jerônimo, para quem Lucas foi eruditíssimo com patentes manifestações de seus conhecimentos de medicina.

A semelhança do prólogo de Dioscórides, Lucas disserta sobre drogas, escrevendo que "muitos, não só antigos, como também modernos, fazem consideração acerca do preparo, potência e prova dos remédios", prometendo jamais ter sobre o tema atitudes vãs ou sem fundamentos.

Não se pode certamente provar que Lucano foi médico apenas pelo simples exame de seus escritos, não obstante serem inúmeras as passagens que podem servir de excelente confirmação, à crença tradicional de que realmente o fosse.

Recentes pesquisas assinalam numerosos termos técnicos empregados por Lucas e encontrados nos textos de Hipócrates, Galeno e Dioscórides e outros médicos gregos. W. K. Hobart, de Dublin, ao estudar em pertinente e volumosa obra, a linguagem médica, referendou um pensamento tradicional: cabe descobrir uma espécie de "Olho clínico", intuição médica que guia o narrador em algumas de suas descrições, especialmente, quando se confrontam com as paralelas de Marcos. A sintomatologia é particularmente esmerada nos relatos da sogra de Pedro, enferma, da mulher com fluxo de sangue, nos casos do endemoniado dos Gerasenos, da mulher encurvada. Somente Lucas narra o suor de sangue sofrido por Cristo no Getsêmani.

No caso da mulher com fluxo de sangue, é notório em Lucas uma preocupação benigna, "pro domo sua", em favor dos colegas facultativos. Marcos enuncia rudemente que a mulher, enferma há doze anos, muito sofrera com o trato dos numerosos esculápios, e embora tenha consumido seus bens não encontrara alívio algum, antes sentia seus males agravados. Lucas, ao contrário (8, 43, texto grego), omite tais notícias que não podem agradar a seus colegas de profissão, limitando-se a dizer que a mulher levava doze anos enferma e nada havia podido curá-la. Fazia-se mentor das regras consuetudinárias dos códigos de ética dos seguidores de Asclépios.

Ainda é Lucas, mais que os restantes evangelistas, quem exalta com sua pena a Jesus como supremo médico, do corpo e das almas. Espiritualmente, Cristo é apontado como o misericordioso curador da humanidade doente, confortador dos aflitos, o Bom que perdoa o desencaminhado e o tropeço de conduta.

Com toda propriedade Dante Alighieri em sua "De Monarchia", descreve Lucas como o "scriba mansuetudinis Christi". Sim, o escriba que enaltece a cordura, a mansidão do doce Rabi, em palavras que são luminosos faróis que dirigem a navegação de Lucas, segundo a imagem de Tertuliano que o via "iluminado por Paulo".

Ilustre Presidente. Caríssimos Confrades. Eurico Branco Ribeiro desde a juventude foi escriba perfeito, mestre na arte de bem escrever. Escritor inato, jornalista, historiador, beletrista, espírito sensível à elevadas proposições, sua vida é exemplo de existência digna de ser vivida em que houve

sempre permanente lugar para as superiores manifestações do que a civilização vem cultuando desde tempos imemoriais, nas afirmações das forças do espírito e da inteligência. Médico integral, cirurgião distinto, filho da Casa de Arnaldo, dedicou as horas todas de seu sacerdócio com os ritos sacrosantos de seu bisturi e seus formulários. E se tudo isso não bastasse pregou a fraternidade humana, em testemunhos de conduta, prodigalizando a caridade aos irmãos desprotegidos numa missão que eleva e dignifica. Personificou o bem, a moral elevada e as virtudes que constituem o atributo e apanágio dos puros.

A data 18 de outubro, Dia do Médico e de São Lucas, patrono de nossa corporação, em verdade sempre lhe pertenceu, por ter sido o incansável pregoeiro de seu culto, em proselitismo tenaz e repetido. Os anos assistiram sua palavra enfática até que houvesse a suprema coroação, com a institucionalização efetiva do culto efetuado hoje tradicionalmente pelas Associações de Medicina, Paulista e Brasileira, em oficializações do Estado e da Nação.

Com a palavra altissonante e erudita do eminente professor Ernesto de Moraes Leme, sumo sacerdote de nossa crença no Liberalismo e ideais da Universidade, em frases candentes de uma oratória sem igual, foi Eurico Ribeiro recebido, em consagração definitiva, na Academia Paulista de Letras, na cadeira que tem como patrono o Brigadeiro Couto de Magalhães, e a João Vampre como fundador. Era seqüência do que fora formulado nesta colenda Academia Cristã em que tomou assento, tendo como patrono, o seu amado São Lucas.

Coroava-se o médico, o homem, uma vida e uma obra. A entidade mater, Casa de Rubião Meira, Associação Paulista de Medicina, acrisolava-o num empós não menos magnífico com o título de sócio honorário, estribada nas mesmas prebendas e na mesma consagração. Pelos decênios de uma longa e produtiva vida deixou grande messe de artigos, tomos, ensaios, monografias, em que as predileções de tema e pesquisa, sempre se referiam ao "médico, pintor e santo", ao sempre venerado Lucas.

Em interminas "peregrinações por São Lucas", viandante das sete partidas, as sete partes do mundo, percorreu roteiros, lugares assinalados pela passagem e presença do Santo, reuniu cimélias, adentrou em ermidas, relicários e oragos, mergulhou em escaparates, ao buscar iconografias e informes nas laudas dantanho que lhe permitiram escrever os textos de numerosos volumes, no propósito inabalável de conhecer e difundir tudo ou quase tudo, para a elevação dos cultos do Patrono dos Médicos! Um pouco à maneira de Virgílio, a conduzir Dante pelos caminhos enigmáticos do reino das sombras e a revelar-lhe os segredos, Eurico leva-nos, com sua religiosidade quase medieval a um mundo, universo extinto com um guia, Livro Geral de todas as horas do Santo de Antioquia.

A ciência de Ambroise Paré, Picanço, Torres Homem, Miguel Couto e Arnaldo, nasceu com o platano de Cós na velha Grécia, em cultos de asclépios e ordenações hipocritas. A palavra Lucas procede da mesma raiz que nos deu "luz", querendo expressar luminosidade, fanal a alumiar uma grei esculapina. Seria simbolicamente o facho de luz que ilumina os povos, mostrando-lhes a palavra sempiterna, suprema verdade do Filho de Nazaré. Informes, ainda sem certezas, mais de uma vez apresentam ao médico Lucas como aluno de Hellas, na Tessalia, ou talvez em Pergamo, capital da Ásia Romana, sede de afamadas aulas junto ao Templo de Esculápio, este para "a farsa da ministração misteriosa dos recursos curadores", na fala significativa do próprio Eurico. Contudo, Tarso, escola médica, rival de Atenas e de Alexandria, soma menos incertezas, em agasalhos a Lucas estudante, em iniciações de diagnose e terapia. Realizado o juramento Hipocrático, no espaço de tempo que antecede o encontro de Trôade, seu clínico teria ocorrido primeiro em Tarso, e depois como médico de bordo nas rotas mediterrâneas. Só fincará, porém, a tenda de trabalhos em Malta, já ao lado de Paulo. Nos dias romanos vai, pregar, medicar e morar em solo onde hoje ergue-se a Basilica de Santa Maria Maior. Contini coloca a residência nas proximidades da ilha Tiberina, junto ao Asclépião, hospital da Urbe. A origem deste remonta à

noite da História. No ano 293 A.C. a peste talara Roma e emissários trazem do Epídauro uma serpente sagrada. Ao chegar ao Tibre a embarcação, a serpe, encarnação da divindade, nadou para terra firme até a Insula Tiberina, ilha de São Bartolomeu, em positivo augúrio para que fosse ereto o Asclepion, cenário doravante de trismos de dor, em ritos quase mágicos de trepanos e escalpelos. E a envolver, nos mesmos lanços, a história, a lenda e a tradição, em seus caminhar pela Hispania, Macedônia, Dalmácia, Itália e quem sabe na Britânia, e ainda na Bitúnia, onde vem a expirar, Lucas deixou o recender de sua gesta em missões e atos médicos fundados em cultura literária e científica, nas convicções, firmeza, modéstia, constância, amor à verdade, pureza e a mais alta benevolência. Foi médico, senhores, minhas senhoras, na mais alta acepção do termo e é dizer tudo...

Em "Minha Formação", deixou-nos Joaquim Nabuco a mais perfeita interpretação do cerne, da alma da gente brasileira: "se alguma coisa observei no estudo de nosso passado é quanto são fúteis as nossas tentativas para deprimir, e como sempre vingam a generosidade... Infeliz de quem entre nós não tem outro talento ou outro gosto senão o de abater! A nossa natureza está votada à indulgência, à doçura, ao entusiasmo, à simpatia, e cada um pode contar com a benevolência ilimitada de todos... Em nossa história não haverá nunca Inferno, sem sequer Purgatório".

E a essa generosidade, simpatia, benevolência ilimitada devo os convites para assentar-me nesta sábia companhia, e inclusos os assentimentos dos demais confrades, mister é enfatizar os esforços do Richelieu desta Academia, mestre Alcindo Brito, e aqueles dos insígnis acadêmicos Kyélce Amazonas Correia e Geraldo Dutra de Moraes, a quem terei de expressar imperecível reconhecimento.

Medeiros e Albuquerque lembrou, de forma pertinente, que "os sonhos muito puros, muito nobres, muito altos resistem a tudo".

Permiti, illustre acadêmico Hugo Beolchi Jr., que relembre um antigo tempo, estuante quadra de nossa já distante mocidade, de sonhos puros, nobres e muito altos. Foi quando vos conheci, em justas e labores, nos Jardins de Esculápio, em seu mais belo e recôndito recanto, onde inebriado detive-me para sempre e vós, embora sensíveis, às cintilações da ciência de Raul Briquet e Fernando de Magalhães, prosseguistes na caminhada nas Searas da Cirurgia Geral.

Amigos fraternos desde logo, pela identidade de sentir e pensar, por alguns anos, não tantos quanto eu os desejasse, oficiamos juntos em Magestoso Templo, ara sagrada da Maternidade e da Infância, a marcar os sublimes instantes do nascer das gentes.

Em gestos de albeites e preceitos de doutrina vos afirmáveis, em iniciações predestinadas de investidura de novo Bayard da arte cirúrgica. Médico e humanista, no mais lídimo senso, dedicáveis as horas todas de vosso sacerdotício, internato de Obstetrícia e Ginecologia, em devoções aos semelhantes e expressáveis o fundir da ciência e do humanismo para assegurar-se um surto harmonioso e digno às gerações futuras. Naquela demora, em rútilas labutas, por mais de um trintênio assisti o desfilar das gerações universitárias, e em tão extenso período, pude registrar-vos entre aqueles, que, por distintos, fixam-se nas memórias da profícua medicina.

Daquela lida, de saudosas lembranças, evoco o jovem, já magno poeta, no expressar e na mensagem, e o médico junto às Mães, em ofícios de diligência e desprendimento. Rodrigues de Abreu, tão de vosso agrado e enlevo, em rimas de um estro quase divinal, registrou:

Sobe aos céus, numa oblata, o soluço da messe que um perfume irritado avoluma e acompanha; anjos estendem no ar finos véus de Bretanha: tudo é perfume, tudo é som e tudo é prece!

"Neste momento incompreensível e divino em que Deus dá voz de ave à garganta da fonte, em que Deus, comovido, anda pelo horizonte, e enternece o horizonte, a tanger violino", logo ouvir-se-á a vossa voz, acadêmico Hugo Beolchi Jr., a enternecer os horizontes, símile aos acordes de liras, cítaras e harpas eólicas; ouvir-se-ão as catadupas de vossa poética e os clangores de vossa oratória e talento, a receber o antigo companheiro que o assentir de nossos pares permitiu, suprema mercê, o ingressar neste douto sodalício, e por tudo isso uma vez mais declaro o justo reconhecer pelo sincero acolhimento.

Sr. Presidente, distintos confrades, senhoras, senhores, que as tradições mais altas de nosso povo e de nossa Terra sejam cultuadas em nossa sábia e colenda Academia e que dela evoem motivações para que o Brasil adentre os anos que hão de vir imbuído das fragâncias da espiritualidade cristã!

Que viva a Academia Cristã de Letras e os Sonhos imorredouros de seus idealizadores!

Professor João de Aguiar Pupo

Prof. Mário Ramos de Oliveira(*)

O falecimento do Professor João Aguiar Pupo encerra o ciclo dos Professores escolhidos pelo fundador da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, o sempre lembrado Prof. Arnaldo Vieira de Carvalho. É o último representante da plêiade de homens escolhidos naquele então para corporificar a Congregação da Faculdade, e cuja geração criou, edificou e projetou no cenário da Pátria e fora dela este centro médico, orgulho da gente desta terra e honra da ciência médica brasileira.

Entrou para o corpo docente da Faculdade em 1913. Foi Assistente, Professor Substituto e Professor Catedrático de disciplinas correlatas: Química Médica, Farmacologia e Terapêutica Geral e, finalmente, desde 1929, de Clínica Dermatológica e Sifiligráfica. Teve um ciclo de magistério de 47 anos, atuando de maneira exemplar em múltiplas atividades quer como Professor, quer como Administrador,

Prof. João de Aguiar Pupo, um dos fundadores da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.



(*) Oração como elogio fúnebre feita por ocasião do falecimento do Prof. João de Aguiar Pupo, no Salão Nobre da Faculdade de Medicina de São Paulo em 23/agosto/1980.

quer como idealista servindo o País, esta Faculdade e a Universidade de São Paulo. Participou, também durante 30 anos, do Corpo Clínico dos Hospitais da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo tendo chefiado Enfermarias no seu Hospital Central, o Hospital dos Lázaros de Guapira e o Leprosário de Santo Angelo.

Como homem de ação, deixou marcada sempre a sua passagem nos diferentes cargos e funções que desempenhou. Esmerava-se em enaltecer a disciplina, a aplicação clínica e a continuidade da ação no sentido de aprimoramento da medicina.

Como Professor e Chefe da Clínica Dermatológica, como incentivador do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" e de sua tradicional Liga de Combate à Sífilis, desde a década de 20, obteve o maior êxito quer na assistência à comunidade, na investigação clínico-científica e na atividade didática. Ficou caracterizada a sua atuação pela capacidade e devotamento de todos os integrantes de sua Escola, obedientes ao rigoroso cumprimento de seus deveres, e mútua cooperação de amizade e respeito.

Foi o único Professor escolhido pelos seus pares para Diretor da Faculdade de Medicina por dois períodos, não em re-eleição. O seu primeiro mandato de maio de 1935 a junho de 1937, se constituiu também no ajustamento da Faculdade à Universidade de São Paulo, pois esta iniciava a sua atividade apoiada nas Faculdades tradicionais existentes. Deixou, desse período de Diretoria, a implantação da *Livre-Docência* na Faculdade como marco fundamental. O seu segundo mandato foi de maio de 1956 a maio de 1959. Dele se destaca a implantação em 1956 da Residência Médica em caráter prioritário, em Serviços Universitários no País. É do mesmo período a criação do Internato do 6.º ano e da Monitoria para alunos destacados e interessados no trabalho nas diversas disciplinas. Tendo tido a honra de ter sido convocado por Aguiar Pupo para integrar a Comissão que planejou e implantou a Residência Médica no Hospital das Clínicas em 1954, tivemos a oportunidade de privar de sua intimidade de 1957 a 1961. Pudemos, então, aprender ainda mais a admirá-lo pelo seu amor dedicado e desinteressado pela Faculdade; pormenores da implantação do Hospital das Clínicas onde Montenegro, Aguiar Pupo e Almeida Prado faziam longos serões para planificar, estudar e implantar, eram contados para que pudéssemos bem entender o quanto de trabalho e de dedicação existia atrás de cada pormenor do nosocômio. Ocorre o seu falecimento exatamente um ano após o do Prof. Montenegro, cujo féretro daqui partiu em 23 de agosto de 1979, o penúltimo do grupo de Arnaldo. Foi também o Prof. Aguiar Pupo Vice-Diretor da Faculdade por dois períodos na década de 1950. Como Diretor e Vice-Diretor criou ou colaborou na criação do Instituto de Medicina Tropical, do Departamento de Cirurgia, do de Obstetrícia e Ginecologia, do de Higiene-Medicina Preventiva, além de criação da Liga de Combate à Febre Reumática.

No Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, como se chamava o que hoje é a Secretaria de Saúde, também colaborou e dirigiu como administrador probo e enérgico os Serviços de Profilaxia da Lepra tendo em sua gestão terminado o Sanatório de Santo Angelo e iniciado os de Cocais, Pirapitingui e Aimorés.

Depois de aposentado como Professor Catedrático foi elevado a Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, e quase em duas décadas continuou interessado na Faculdade, no Ensino e na Ciência Médica. Continuou a estudar e escrever trabalhos, voltava ao templo do seu carinho. Aqui a Faculdade por suas funcionárias categorizadas, se ofereciam e insistiam em fazer os serviços datilográficos para os seus escritos. Entre seus numerosos estudos destacam-se principalmente além dos de lepra, os sobre leishmaniose cutâneo-mucosa e blastomicose sul-americana, com contribuições decisivas sobre aspectos clínicos e terapêuticos. Era um apaixonado das virtudes das Águas Minerais, tendo achado semelhanças das nossas com as de várias famosas da Europa. Por isso fez vários trabalhos para a Comissão de Crenologia da Secção de Estâncias do Departamento de Obras Sanitárias da Secretaria de Viação do Estado de São Paulo. Foi mem-

bro efetivo ou honorário de dezenas sociedades médicas e científicas, tendo publicado mais de uma centena de contribuições sobre dermatologia, particularmente sobre dermatologia tropical.

Foi encontrado entre os papéis de Arnaldo Vieira de Carvalho um discurso com o qual o fundador da Faculdade pretendia agradecer as homenagens que lhe iam ser prestadas pela Faculdade de Medicina quando a morte o surpreendeu. Dizia ele, dirigindo-se aos professores:

"Meus amigos ... Uma coisa, melhor que ninguém eu fiz e melhor que eu ninguém faria. Devo dizê-lo com sinceridade, com a sinceridade que, às vezes irrita — é a indicação de vossos nomes para os postos que ocupais, meus amigos. Melhor que eu ninguém faria por encontrar elementos morais e intelectuais mais idôneos que vós outros. Melhor que ninguém, eu fiz por estar em posição excepcional para, assistindo-vos no trabalho, no nobre trabalho médico, devassar-vos a alma, poder avaliar vossas capacidades, descobrir vossos ideais e selecionar o grupo inigualável de homens e sábios que levam a nossa Faculdade pelo caminho áspero da glória, à celebridade cuja posse ambiciona a que lhe dão direito vossa dedicação e vosso saber.

E o vindouro que isso souber saberá que fui eu um homem feliz porque tive a honra de zelar o templo esplêndido por vós levantado à ciência.

É a recompensa que almejo."

Tudo isso foi escrito em 1920. Agora em 1980, 60 anos depois, ao nos despedirmos de Aguiar Pupo o último guardião do templo da primeira hora, podemos terminar dizendo: Professor Arnaldo Vieira de Carvalho a sua recompensa e o que almejou foram demonstrados com o decorrer do tempo.

Súmula Histórica da Sociedade Brasileira de Dermatologia

Prof. João de Aguiar Pupo V

Tendo exercido o cargo de acadêmico-interno da Cátedra de Dermatologia no período de minha formação médica na tradicional Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1910-1912), tive o feliz ensejo e apreciar a fundação de nossa Sociedade em 1912.

Em 1910, com o falecimento do Professor Titular Chaves Faria, o seu substituto, Fernando Terra, foi promovido à Cátedra de Clínica Dermatológica e Sifiligráfica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, cujo exercício transmitiu ao Livre-Docente Eduardo Rabello durante a sua ausência em Comissão Especial de viagem à Europa.

Ao reassumir o cargo, Fernando Terra manteve o jovem colaborador nas atividades da Cátedra, dividindo as funções de ensino e transformando a 19.ª Enfermaria da Santa Casa em notável Centro de Ensino e Pesquisa Clínico-científica no campo da Dermatologia.

A larga visão de dois esclarecidos mestres criou promissor ambiente para a fundação da Sociedade Brasileira de Dermatologia em 1912 constituindo-se a "Comissão Organizadora" por Fernando Terra, Eduardo Rabello e Werneck Machado, Dermato-Sifilógrafos de grande prestígio na Capital do País.

Os novos rumos da Sociedade divulgados no Boletim dos trabalhos realizados no primeiro ano de suas sessões, foram assim traçados: "Tão largo quanto o assunto comporta, a dermatologia sem desviar do seu rumo, aceita e demanda de todas as correntes que lhe são tributárias, *mormente em nosso clima*, onde o problema tropical abrange superfície tão vasta e trama de tal modo complicada, que deriva para nós o mais rico e copioso veio".

Com tão esclarecido programa foram atraídos para o seio da Sociedade, Adolfo Lutz, Henrique Aragão, Gaspar

(HOMENAGEM DA APM AO SAUDOSO PROFESSOR EMÉRITO JOÃO DE AGUIAR PUPO)

Viana, Parreira Horta, Arthur Moses, Souza Araujo e Dutra e Silva, do Instituto Oswaldo Cruz, Juliano Moreira, Antonio Austregesilo, Carneiro da Cunha e Silva Araujo Filho, clínicos de grande conceito e destacada posição médica-científica na cidade do Rio de Janeiro.

Tão notáveis expoentes da Medicina brasileira, concorreram para o êxito da Sociedade que nos seus primórdios projetou-se por todo país.

Entre as contribuições debatidas nas sessões regulares avultaram-se estudos originais sobre o Granuloma Venéreo Tropical (Donovanose), a Boubá (treponematose de Castellani), a Micose de Lutz (Paracoccidiodomicose Sul-Americana-pela espécie *Leishmania Brasiliensis* (Vianna 1911) e seu trana), a Leishmaniose Tegumentar Americana, individualizada tamento pelas injeções endovenosas de tartaro emético; esta medicação antimonial específica, cujo êxito repercutiu-se na cura do Kalazares Indiano e Infantil da bacia do Mediter-

râneo, causados pela *Leishmania Donovanii* e sua variedade *Infantum*.

A nova medicação estibica instituída pela sabedoria de Gaspar Vianna reduziu a mortalidade da leishmaniose visceral de 80% a menos de 20%; fato idêntico ocorreu com os estudos de Leonard Rogers ao instituir a cura da Amebíase pelo conhecimento dos estudos brasileiros sobre a cura da mesma enfermidade pela infusão de Ipecaquanha (*Cephaelis ipeca*), planta original do Brasil.

Assim iniciou-se no sul do País fecunda réplica às tradições da "Escola Bahiana de Medicina Tropical", cujo notável acervo de contribuições devemos a Silva Lima, Paterson, Wucherer, Silva Araujo (Pai), Juliano Moreira, J. Adeodato, Castro Cerqueira e Pirajá da Silva, publicadas na "Gazeta Clínica da Bahia" (Século passado).

São fatos memoráveis de um passado que cumpre-me reafirmar na contemplação da Medicina Pátria!

Em memória de Oswaldo Cruz

Dr. José Antonio Alves dos Santos(*)

Coube-nos, por generosa deferência do Senhor Presidente da Sociedade Brasileira de Higiene, o Dr. Getúlio Lima Junior, a honrosa incumbência de dizer, em nome da nossa Sociedade, algumas palavras neste momento, em que se comemora o transcurso do 108.º aniversário de nascimento do grande OSWALDO CRUZ.

Ao ensejo desta efeméride, tão significativa para todos nós, aqui nos encontramos reunidos, ainda uma vez, para, em romaria cívica, reverenciar a memória do patrono da Saúde Pública brasileira, o criador da Medicina Experimental no nosso País.

Nestes tempos em que é patente a decadência da memória nacional, é gratificante verificar que os discípulos de OSWALDO CRUZ, os sanitaristas de hoje, vem mantendo, perenemente, o culto dos nossos pro-homens que, no passado, tanto engrandeceram a nossa Pátria, entre os quais avulta, como estrela de primeira grandeza, o nome de OSWALDO GONÇALVES CRUZ!

O momento não comporta uma análise minuciosa de sua vida de higienista, pois seria longo enumerar os benefícios que prestou à causa da saúde pública, à frente de um pugilo de homens de escól, aos quais o Brasil tanto deve.

Mais do que palavras, fala bem alto, sobre sua vida e sua obra, a magnífica "OSWALDO CRUZ MONUMENTA HISTÓRICA" de Edgard de Cerqueira Falcão, a nosso ver o maior monumento literário erguido em honra do grande higienista!

Não obstante a singeleza de que se reveste, este preito de saudade traduz bem o respeito e a admiração que à memória do saudoso mestre devotam os sanitaristas desta geração, não só pelos seus admiráveis dotes de coração e de espírito, como pela benemérita e patriótica obra realizada pelo grande brasileiro!

De nossa parte, embora modestamente, temos procurado honrar-lhe a memória, em diversas oportunidades.

(Oração proferida pelo Dr. José Antonio Alves dos Santos, em nome da Sociedade Brasileira de Higiene, durante a solenidade comemorativa do 108.º aniversário de nascimento de OSWALDO CRUZ, realizada no dia 5/8/80, junto à sua herma, à Rua do Resende, n.º 128, no Rio de Janeiro).



Quando assumimos a direção do Posto de Higiene de São Luís do Paraitinga, em novembro de 1937, a casa onde nasceu OSWALDO CRUZ estava à venda. Nela residiam os membros da família Padula, um dos quais veio a ser, mais tarde, funcionário do Instituto de Manguinhos. A senhora Padula informou que a proprietária do prédio residia em Mogi das Cruzes — D. Christina Varela —, e que o preço pedido era de dez contos de réis! Fomos até Mogi das Cruzes onde a proprietária confirmou a importância que queria pela venda.

Levamos o fato ao conhecimento do então Diretor Geral do Serviço Sanitário — Dr. Sebastião de Camargo Calazans e fomos por ele autorizado a fechar o negócio da casa com a proprietária, a fim de que nela fosse instalado o Posto de Higiene local.

E foi assim que, a 20 de abril de 1938, um jornal da Capital publicava a seguinte notícia:

"Aquisição do prédio em que nasceu OSWALDO CRUZ.

O Sr. J. J. CARDOZO DE MELLO NETO, assinou antecostamente, na pasta da Educação, o decreto n. 9.115, autorizando a Secretaria da Educação e Saúde Pública a despendê-lo, até a importância de dez contos de réis, com a aquisição do prédio em que nasceu OSWALDO CRUZ, em São Luís do Paraitinga, para nele funcionar o Posto de Higiene local".

Era nossa intenção instalar, numa sala ao lado da Chefia, um mini-museu, destinado a abrigar objetos e documentos que marcassem a passagem do DR. BENTO GONÇALVES CRUZ e sua Família por São Luís do Paraitinga. Lamentavelmente, porém, soube que o prédio — uma casa grande, vetusta, no alto da colina — não fora aproveitado para o fim a que era destinado.

Por volta de 1948, encontramos, casualmente, na cidade de Goiânia o nosso conterrâneo — Dr. Edgard Jacinto da Silva, arquiteto, funcionário do SPHAN. Estava ele de passagem para Goiás Velho, com a missão de promover o tombamento daquela cidade como Monumento Histórico. Solicitamos então, o seu interesse no sentido de que a Casa-Berço de OSWALDO CRUZ fosse restaurada por aquele Serviço. Graças ao seu empenho, a restauração foi autorizada pelo então Diretor daquele órgão — Dr. Rodrigo de Mello Franco de Andrade — cuja clarividência é digna de encômios.

Comemorando o 80.º aniversário de nascimento de OSWALDO, o Centro do Professorado Paulista mandou colocar na casa, no dia 5 de agosto de 1952, uma placa alusiva ao evento, solenidade à que estivemos presente, representando o Prof. CARLOS GAMA, então Secretário da Saúde do Estado de São Paulo.

Por solicitação da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, a Secretaria da Saúde abriu mão da administração do prédio, a fim de nele ser instalado, pela Prefeitura Municipal de São Luís, o "MUSEU OSWALDO CRUZ", situação em que se encontra atualmente.

Em 1972, por ocasião do Centenário de OSWALDO CRUZ, com o apoio da Secretaria da Saúde, da Associação Paulista de Medicina pela sua Regional de Taubaté e com a valiosa colaboração do Laboratório Lafi, participamos de uma "Jornada Médica OSWALDO CRUZ", na cidade de

Taubaté, onde foram debatidos por especialistas, temas de grande atualidade, no campo da Saúde Pública.

Dessa Jornada, aberta com um formosa Conferência do Professor Carlos da Silva Lacaz, sobre a personalidade de OSWALDO CRUZ, participaram ilustres sanitaristas de São Paulo e do Rio de Janeiro, cumprindo destacar, dentre estes, a honra presença do Dr. Oswaldo Cruz Filho e sua Exma. Família. Encerrou-se a Jornada com uma alegre visita coletiva a São Luís do Paraitinga, onde muitos dos presentes viram a terra e a casa onde nasceu OSWALDO, pela primeira vez!

Entretanto, constrengem-nos confessá-lo, o Estado de São Paulo tem sido avaro nas homenagens que deve ao seu ilustre filho! A não ser o seu glorioso nome dado a algumas praças e vias públicas da Capital e de outras cidades, um busto em bronze e um Museu, que ostenta o seu nome, em sua terra natal, a enorme dívida de gratidão, que lhe é devida, ainda não foi saldada pelos Poderes Públicos do Estado.

Conforta-nos, porém, a lembrança de que suas glórias transpuseram as fronteiras da Pátria, merecendo de PAZ SOLDAN, na VIII Conferência Sanitária Panamericana, realizada em Lima, em 1927, estas lisongeiras palavras:

"OSWALDO GONÇALVES CRUZ terá, para sempre, como pedestal imarcescível de sua fama, as terras maravilhosas que se abrem em torno da Guanabara, como um enorme amplexo de amor e ambição; ali o nome de OSWALDO é nome que trás à nossa memória a recordação emocionante de um santo que realizou o milagre da redenção do Brasil da febre amarela, da peste e de outros males mórbidos, deixando como sinal e braço do seu talento esse templo de ciência, no qual pôs toda a sensibilidade de seu espírito, talhado para as grandes perdurações, e que se chama o "INSTITUTO OSWALDO CRUZ"!

Meus senhores: os estudiosos da nossa história sanitária, ao conhecerem o precioso legado dos pioneiros do sanitarismo em nossa terra, compreenderão, por certo, que as lições do passado alicerçam as realizações do presente e as conquistas do futuro!

Tradição, sentenciava CHESTERTON, não quer dizer que os vivos estão mortos, mas, que os mortos estão vivos!

Cultuemos, pois, a memória daqueles pioneiros que desbravaram os ínvios caminhos que hoje palmilhamos e, cuja vida, laboriosa e fecunda, servirá de perene exemplo às futuras gerações!

Era o que eu tinha a dizer.

Anibal Silveira

Acadêmico Paulo Silveira Santos(*)

Filho do prof. Joaquim da Silveira Santos e de d. Amélia Augusta da Silveira Santos, naturais de São Roque, SP., nasceu Anibal na mesma cidade aos 17 de março de 1902. Seu pai, republicano histórico, abolicionista e positivista foi quem o orientou, desde cedo, na corrente filosófica e doutrinária fundada por Augusto Comte.

Iniciou seus estudos na terra natal e prosseguiu-os em Piracicaba, cidade em que, a partir de 1911 seu pai foi

professor catedrático de Português e Literatura na antiga Escola Normal Estadual, hoje Instituto de Educação. Nesse estabelecimento concluiu Anibal Silveira, em 1921, o curso de professor normalista e já por esse tempo colaborava assiduamente no "Jornal de Piracicaba".

Em 1924 completou seus estudos no Ginásio Estadual de Campinas e no ano seguinte matriculou-se na Faculdade de Medicina de São Paulo, então situada no antigo prédio da rua Brigadeiro Tobias. Dentre os mestres da Casa do Dr. Arnaldo, tornou-se grande amigo dos Profs. Guilherme Bastos Milward e Raul Briquet, ambos positivistas. Desde o 2.º ano médico passou a frequentar, como estagiário, a Clínica Médica da Santa Casa (Serviço do Prof. Ovidio

(*) Paulo Silveira Santos, irmão de Anibal Silveira, é membro da Academia Paulista de História e colaborador durante o decênio do antigo Instituto de Higiene, hoje Faculdade de Saúde Pública da USP.

Pires de Campos), de modo que, em pouco tempo sabia examinar os pacientes e prescrever-lhes o tratamento indicado; já no 3.º ano, em 1927, tornou-se chefe do Serviço.

Por esse tempo, para manter-se na Capital, trabalhou no "Correio Paulistano" primeiro como revisor e chefe da revisão, depois como redator e colaborador, tendo publicado inúmeros artigos sobre eugenia e educação física, mais tarde reunidos em livros. Além dos Profs. Milward, Briquet e Pires de Campos foi distinguido com a amizade de outros mestres, entre os quais Bovero, Paula Souza, Alvaro Guimarães Filho (Assistente de Raul Briquet), Moura Campos, Enjolras Vampré, e foi este último quem lhe despertou especial interesse pela neuro-psiquiatria. Ao ingressar no 6.º ano (1930) passou a pertencer ao corpo clínico do Hospital de Juqueri, então sob a direção do Prof. Pacheco e Silva; ali trabalhou como estudante interno.

O Juqueri era então, como ainda é, o maior centro psiquiátrico da América Latina, de modo que Anibal Silveira encontrou, nesse grande nosocômio, o campo ideal para os seus estudos e pesquisas. Concluiu o curso médico em 1930 e sua tese de doutoramento, "Da Higiene Mental e dos Ambulatórios Psiquiátricos" foi aprovada com distinção.

Foi então nomeado médico psiquiatra do Hospital. Em 1932 casou-se com d. Thais Pinto Viégas e desse consórcio nasceram três filhos. Em 1935 é nomeado chefe de Clínica da Seção Masculina e reuniu então um grupo seleto de assistentes (entre médicos e estudantes estagiários), com os quais realizou inúmeras pesquisas, muitas delas de repercussão internacional. Alicerçado no quadro das funções cerebrais, estabelecido por Comte, bem como nos trabalhos de Kleist, mestre da psiquiatria alemã, conseguiu imprimir rumos novos ao estudo das doenças mentais. Mantinha correspondência com as maiores autoridades nesse campo — von Meduna, von Bulow, Dusser de Barenne, McCulloch, Mira y López e outros — aos quais dava conhecimento dos trabalhos em realização por sua equipe. Sobretudo nas investigações acerca do mecanismo do lobo frontal e das camadas do córtex cerebral.

A partir de 1937 passou a residir, com a família, numa das casas para os médicos, situadas nas imediações do Hospital. Por essa época o advento das leucotomias de Egas Moniz, depois ampliada para a lobotomia, permitiu-lhe, com a colaboração do neuro-cirurgião do Hospital, Mattos Pimenta realizar as mais avançadas experiências nesse campo. Publicou as monografias sobre "Funções do Lobo Frontal" e "Leis Estáticas e Dinâmicas da Inteligência" (1937). Participou de diversos congressos internacionais de Neuro-psiquiatria e Higiene Mental realizados em Buenos Aires, Santiago (Chile) e em Lima, Peru, bem como no Rio de Janeiro, aos quais sempre contribuiu com comunicações.

Em 1940 em memorável concurso, obteve a Livre docência de Psiquiatria da USP; sua tese versou sobre "O Método de Meduna em Esquizofrênicos Crônicos" e foi aprovado com distinção. Nesse mesmo ano obteve uma bolsa de estudos oferecida pela Memorial John Simmon Guggenheim Foundation, dos EE. Unidos. Houve 400 candidatos para duas únicas bolsas: Anibal Silveira conquistou a que se destinava para estudos sobre eletricidade dos neurônios e neuro-fisiologia cerebral. A outra bolsa coube ao Prof. M. Rocha e Silva, de Ribeirão Preto, para farmacodinâmica.

Durante dois anos (1941-1942) passou então a residir com a família em Chicago, aonde foi trabalhar com os Profs. Percival Bailey e Warren McCulloch, do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Illinois. Lá realizou, com os renomados mestres, no laboratório experimental da Universidade, as mais interessantes pesquisas, relatadas em extensos trabalhos, de grande repercussão mundial. Ao findar-se o estágio, em fins de 1942, foi insistentemente convidado a que solicitasse a prorrogação da bolsa por mais dois anos, o que seria fácil, diante dos brilhantes trabalhos realizados. Mas Anibal e a família há tanto tempo longe dos seus e da Pátria, não suportavam mais as saudades

do Brasil e resolveram regressar. Foi-lhe então conferido o honroso título de Professor Visitante da Universidade de Illinois. Ainda em Chicago nasceu-lhe o terceiro filho (Cid Vinio) hoje engenheiro industrial, e casado.

Reassumindo suas funções no Hospital de Juqueri (hoje Franco da Rocha) retomou seus trabalhos iniciados em Chicago, servindo-se então, de um aparelho que era novidade entre nós — o eletroencefalógrafo. Treinou neste aparelhamento o seu assistente dr. Paulo Pinto Pupo e ambos em breve publicavam comunicações relatando os casos clínicos mais importantes.

Um seu substancial artigo publicado na revista alemã "Fortschritten der Neurologie und Psychiatrie" de Berlim, alcançou tal repercussão, que o Prof. Nolan D. C. Lewis, dos EUA, incluiu-o no "Year Book of Neurology, Psychiatry and Endocrinology" como um dos cinco melhores trabalhos aparecidos naquele ano, em âmbito internacional.

Com grande facilidade dominava os idiomas inglês, alemão e francês, e daí ter redigido diversas contribuições científicas nessas línguas. Com o maior interesse leu os primeiros livros editados em alemão, de Hermann Rorschach, sobre técnica projetiva em psicologia, assunto que estudou a fundo e foi um dos introdutores em São Paulo. Fundou aqui a Sociedade de Rorschach, filiada à International Rorschach Society, de Londres. Baseado nas concepções de Comte e de Karl Kleist introduziu novos rumos na interpretação do psicodiagnóstico de Rorschach.

A convite da Profa. Anita Castilho Cabral, lecionou Psicologia Médica na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da USP. Em 1945 obteve o Prêmio "Austregésilo" da Academia Nacional de Medicina, do Rio, com o seu trabalho sobre Pneumoencefalografia; esta monografia foi editada em livro, com elogioso prefácio do Prof. Mira y López.

Em 1950 deixava o Hospital de Franco da Rocha para organizar e dirigir o Serviço de Higiene Mental, então criado em 2 Centros de Saúde, o de Santa Cecília e o de Santana. A convite do Prof. Alves Meira organizou, a seguir, na recém-fundada Faculdade de Ciências Biológicas, de Botucatu, a cadeira e o departamento de Psiquiatria. Pouco depois, passou a lecionar a mesma cadeira, convidado pelo Reitor Zeferino Vaz, na Universidade de Campinas (UNICAMP). Em 1970, quando o Prof. Jaime Rodrigues fundou a Faculdade de Medicina de Jundiá, foi buscá-lo para que organizasse e dirigisse a cadeira e o departamento de Psiquiatria e Psicologia, na novel Casa de Ensino.

Passou então a prelecionar as aulas teóricas de seu curso, em Jundiá e a parte prática no Hospital de Franco da Rocha. Em 1977, com a demissão a pedido, do Diretor Prof. M. Bacilla, assumiu a direção da Faculdade, cargo em que se achava, quando veio a falecer repentinamente, na Capital, vitimado por um enfarte, aos 16 de agosto de 1979.

Nessa ocasião, dava andamento a duas grandes realizações: a reforma científica e administrativa do Hospital de Franco da Rocha; e, mediante convênio com a Secretaria da Saúde, a instalação do projeto-piloto de Saúde, em Jundiá: estudantes e professores da Faculdade examinaram 5.500 escolares de diferentes bairros, numa pesquisa profunda, acerca da verminose, desnutrição e outras enfermidades, todos fichados para o devido tratamento.

Deixou para mais de 400 trabalhos científicos publicados, em grande parte esgotados, os quais serão agora reeditados. Soube incentivar os valores novos e com a sua experiência profissional conseguiu, com os seus dedicados assistentes, criar uma verdadeira escola paulista de psiquiatria.

Casado com d. Thais Pinto da Silveira Santos, deixa os filhos: eng.º Hume Anibal; dra. Marina Amélia, do Departamento de Física e Microscopia Eletrônica da USP; e o eng.º Cid Vinio, casado com d. Iolanda Silveira, pais da galante menina Marília. Seu nome, por extenso, era Anibal Cipriano da Silveira Santos.

Enjolras Vampré

(Presidente da A.P.M. em 1936)

Prof. A. C. Pacheco e Silva (*)

Dolorosa mas indeclinável incumbência foi a que me confiou o professor Rubião Meira, ilustre presidente da Associação Paulista de Medicina, designando-me para falar nesta solenidade, em que nos achamos reunidos para render culto à memória do nosso querido companheiro, o pranteado professor Enjolras Vampré, que a morte nos arrebatou implacavelmente, em plena maturidade, no esplendor da sua vida de cientista, de pesquisador tenaz, de professor dedicado e de clínico forrado de grande experiência.

Aceitei a tarefa, que reputo ingente, não confiado em minhas forças, deficientes que são para analisar tão grande vida e menos ainda para comentar a obra de extraordinário vulto realizada pelo nosso inolvidável amigo e mestre, mas porque se me afigurou que, para enaltecer a sua memória, bastaria lembrar os trabalhos que ele nos legou, reproduzir as verdades que ele disse e recordar os traços mais vivos de sua personalidade, que jamais se apagará do cenário médico paulista.

Tive a ventura de privar durante vinte anos com o inesquecível mestre desaparecido, labutando no mesmo setor, e desse doce convívio, com o qual tanto lucrei, guardo a mais grata recordação e a mais viva saudade.

Nasceu daí grande e ininterrupta amizade, que o tempo veio consolidar e que o destino irmanou, colocando-nos, com o desdobramento da cátedra de Neuropatologia da nossa gloriosa Faculdade de Medicina, lado a lado, nas cadeiras de Clínica Neurológica e de Clínica Psiquiátrica, que viemos a ocupar após a realização de provas.

Era, assim, do meu dever reunir todas as minhas forças e confiar nos poderosos sentimentos afetivos que me prendiam ao fundador da escola neurológica paulista, que elegi como meu patrono ao ingressar na Congregação da Faculdade de Medicina, para focalizar a sua personalidade inconfundível.

A vida de Vampré foi um hino perene ao trabalho, ao devotamento e ao esforço: de vibração, de entusiasmo, de fé nos nossos destinos; de afeição extremada pela família, pelos discípulos; de dedicação aos amigos e clientes.

Numa época como esta, em que cada vez mais se escasseiam os valores reais, aqueles que se sacrificam na ânsia de preparar novas gerações, num meio onde ainda não se reconhecem os esforços dos que se consagram ao magistério superior, lutando contra a carência de todos os elementos necessários ao trabalho produtivo, de indagação científica, sem hospitais ou enfermarias adequadas, desprovidos de recursos materiais, os homens que, não obstante tudo isso, logram formar escola e deixar trabalhos de incontestável mérito, como o fez Vampré, bem fazem jus à admiração e à gratidão de sua terra e de seu povo.

DO BERÇO À ADOLESCÊNCIA

Nasceu Enjolras Vampré na cidade de Laranjeiras, no Estado de Sergipe, a 4 de julho de 1885, filho do Dr. Fabrício Vampré e de Da. Mathilde Vampré.

Tinha o primogênito apenas um ano de idade quando seus pais se trasladaram para o Estado de S. Paulo, onde cresceu o futuro médico e professor, cuja inteligência e bondade cedo se revelaram, fazendo prever o futuro que lhe estava reservado. De seu pai, contou-nos Celestino Bourroul no discurso de recepção do filho ilustre na Fa-

culdade de Medicina, após memorável concurso: — Homem de cabelos grisalhos, cortados à escovinha, mais tirantes ao branco, com gestos rápidos e francos, palavra fácil e pitoresca, de cujo todo ressumbrava tanta bondade, a todos conquistava.

Médico no interior paulista, exerceu a profissão em Limeira, Rio Claro e Itatiba, deixando em toda parte fama de clínico competente, de espírito culto, verdadeiro sacerdote no cumprimento de seus deveres, era também revestido de sólida cultura literária e filosófica. Cultor apaixonado da verdade, inimigo da ostentação, viveu sempre modestamente, criando e educando os filhos, todos eles homens dignos, figuras de relevo na vida paulista.

Terminados os seus estudos primários, Enjolras ingressou no Ginásio Ciências e Letras da capital, realizando um curso igual e sem falhas, sendo apontado, a despeito de ser dos mais jovens, como dos mais estudiosos, fama que e confirmou quando, perante banca examinadora federal, obteve distintas notas nos exames finais do seu curso.

NA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

Numerosos eram os estudantes paulistas que se encaminhavam naquela época para a velha e tradicional Faculdade de Medicina da Bahia, onde não poucos mestres se destacavam pelo elevado saber e pela eficiência do ensino.

Vampré, como Celestino Bourroul, Ovídio Pires de Campos, Zeferino do Amaral e tantos outros, hoje professores e clínicos de renome em nosso meio, matriculou-se naquela escola em 1903. Desde o início do seu curso médico ocupou o primeiro lugar entre os seus colegas, unânimes em proclamar os seus atributos intelectuais e as suas qualidades de caráter e de coração, que o faziam por todos estimado.

Nos últimos anos de sua vida acadêmica, sentiu Vampré marcada inclinação para o estudo das doenças do sistema nervoso, sendo logo admitido como interno do professor Pinto de Carvalho, catedrático de Clínica Neurológica.

Nessa época, violenta epidemia de peste assolava o interior do Estado da Bahia. O jovem estudante não teve hesitação em aceitar o arriscado posto de acadêmico-auxiliar e, a seguir, o de interno do Hospital de Isolamento da Peste Bubônica, de Monte Serrate. E de tal forma se houve no desempenho dos seus deveres, que os seus mestres não tiveram dúvida em confiar-lhe a honrosa e delicada missão de chefiar a Comissão de Combate à Peste na cidade baiana de Alagoinhas.

Mas a sua vocação pelos estudos neuropatológicos não o abandonava. Na cabeceira dos pestosos, enquanto lhes ia ministrando competentes e dedicados cuidados, observava os fenômenos neurológicos e psíquicos por eles apresentados. Reuniu, assim, preciosas e originais observações, em número de 267, e delas se utilizou para escrever a sua tese de doutorando, intitulada "Ligeiras considerações sobre as perturbações nervosas e mentais da Peste Bubônica". Aprovada com grande distinção, a tese do jovem doutorando teve o mérito de demonstrar a frequência das disordens nervosas no decurso da peste, destacando os fenômenos bulbares, de origem tóxica, responsáveis pelos distúrbios respiratórios, como bem assinalou o professor Gonçalo Mendes de Aragão, uma das maiores autoridades baianas em conhecimentos sobre Peste Bubônica. Encerrava destarte o distinto estudante, com excepcional brilho, o seu curso, feito todo ele com notas distintas, que o tornaram merecedor não só de ter o seu retrato no Panteon da Faculdade de Medicina

(*) Discurso pronunciado na sessão solene convocada pela Associação Paulista de Medicina, em 17 de junho de 1938, em homenagem à memória do ilustre catedrático de Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

da Bahia, como do prêmio de viagem à Europa, para aperfeiçoar os seus estudos.

O PSIQUIATRA

De volta a São Paulo, convidado pelo meu sempre venerando e saudoso mestre Franco da Rocha, que tributava a Vampré grande estima e não menor apreço, inicia o jovem médico a sua atividade profissional, a princípio como clínico, depois como interno do Hospício de Juquiri.

Animado por sede inesgotável de aprender, o novo interno não se limita a prestar cuidados e a fazer as observações dos doentes recém-entrados no seu serviço, como realiza um trabalho exaustivo e pertinaz, elaborando uma revisão completa de todo o arquivo clínico do Hospital, anotando o decurso da moléstia de todos os doentes lá internados. Essas preciosas observações enriquecem os Arquivos da Assistência a Psicopatas e é de ver o cuidado na descrição dos sintomas, o empenho no esclarecimento dos diagnósticos, o esforço no emprego da terapêutica adequada.

Nessa época, um novo surto de atividade científica, que procedeu à criação da nossa Faculdade de Medicina, agita o meio médico paulista: um grupo de clínicos, na sua maioria moços e idealistas, filiados às escolas de Carlos Botelho, Pereira Barreto, Arnaldo Vieira de Carvalho, Diogo de Faria e Rubião Meira, dá novo impulso à vida das nossas associações médicas.

Vampré destaca-se desde logo como dos mais assíduos e dos mais dedicados. Não há sessão em que o seu nome não figure, cuidando dos mais variados assuntos. Compulsando os Boletins da Sociedade de Medicina e Cirurgia, verifica-se que todas as questões neuropsiquiátricas foram por ele ventiladas, no largo período da sua fecunda atividade intelectual.

Mourejando em hospital psicopático, os seus primeiros trabalhos, realizados na sua maioria em Juqueri, concernem a temas psiquiátricos. Destacam-se, entre os estudos então publicados, os relativos à sintomatologia e ao tratamento da epilepsia pelos brometos introduzidos por via intrarraquidiana.

Constituíram também assuntos de sua escolha a catatonia, a paranóia e o estado mental dos toxicômanos.

Convivendo com os psicopatas, a eles dedicando a maior parte do seu esforço, preocupado em minorar-lhe os sofrimentos, Vampré compreendeu desde logo a necessidade da hospitalização precoce dos alienados, batendo-se da tribuna das nossas sociedades médicas pela criação de uma clínica psiquiátrica na capital.

Embora se houvesse afastado posteriormente do Hospital de Juqueri, para exercer as funções de inspetor sanitário em São Paulo, jamais deixou o criador da escola neurológica paulista de se consagrar ao estudo da psicopatologia. Prova incontestável disso temo-la na ininterrupta série de comunicações que continuou a fazer com a preocupação constante de aprimorar os seus conhecimentos psiquiátricos. Assim, foi um dos primeiros a descrever entre nós os distúrbios neuropsíquicos inerentes à cisticercose cerebral. Dedicou-se com afinco ao estudo dos sintomas e da terapêutica da sífilis nervosa e da paralisia geral. Insistiu sobre a importância diagnóstica do delírio agudo e sobre as vantagens do seu tratamento precoce. Esmiuçou, com maestria, os síndromos neuropsíquico-anêmicos, registrando as primeiras observações publicadas em nosso meio.

O momentoso problema da histeria e do pitiatismo mereceu atento cuidado de sua parte, como se depreende de inúmeros e valiosos subsídios inseridos no Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Quando foi da epidemia de gripe de 1918, coube-lhe estudar as perturbações nervosas e mentais consequentes à doença que então grassava e o resultado dessas indagações ficou registrado em nossos anais médicos, constituindo precioso manancial para o estudo das psicoses infecciosas de origem gripal. Esse rápido apanhado demonstra que, embora mais votado à Neurologia, Vampré

não se descurou da Psiquiatria, sobretudo das novas questões relativas à terapêutica. Dirigiu, assim, com rara capacidade de trabalho que todos lhe reconhecíamos, até os últimos dias de sua vida, a secção de doentes nervosos e mentais do Instituto Paulista, onde comparecia diariamente, dedicando-se aos doentes ali recolhidos com o mesmo afã com que se empenhava no cumprimento de todos os seus deveres.

O PSICOPATOLOGISTA FORENSE

Um sem número de pareceres médico-legais e de consultas da lavra do nosso inesquecível colega se encontram esparsos nos nossos anais jurídicos, pois que era ele com freqüência chamado a esclarecer questões que transitavam pelo nosso foro e nas quais se fazia indispensável a opinião de psiquiatras.

Os seus trabalhos, sempre minuciosos e bem cuidados, constituem um verdadeiro modelo de ética profissional e eram sempre acatados pelas nossas autoridades judiciárias.

Entre os principais estudos realizados neste campo, destacamos os referentes aos alienados perigosos e o Código Penal; alguns comentários sobre o artigo 68 do Código Penal; o problema da responsabilidade criminal dos alienados; a interessante perícia realizado em torno do célebre crime de Vila Mariana; vários pareceres atinentes à capacidade civil dos alcoólatras e valiosos estudos relativos à demência senil sob o aspecto jurídico.

O HIGIENISTA MENTAL

De volta de sua viagem à Europa, onde freqüentou os serviços de Neurologia dos Professores Babinski e Déjerine e os asilos de alienados de Daldorf, Herzberg, Brech e Wuhlgarten, Vampré inicia uma nota e febril atividade, preocupando-se com a higiene mental. Observa o incremento do alcoolismo entre nós, dando-lhe combate, bem como as toxicomanias. Cuida da profilaxia da sífilis nervosa, realizando uma série de conferências públicas, divulgando conhecimentos sobre os principais fatores determinantes das doenças do espírito e os meios de evitá-las.

Foi sócio fundador da Liga Paulista de Higiene Mental, à qual emprestou sempre o prestígio do seu nome, participando de todas as campanhas promovidas por aquela agremiação.

O NEUROLOGISTA

Nesta esfera a figura de Vampré avulta como a de um gigante, destacando-se entre os demais especialistas com uma soma de trabalhos verdadeiramente formidável. Realizou pesquisas originais, descreveu novos sinais hoje incorporados à semiologia nervosa, aprofundou estudos sobre a etiologia de várias afecções neurológicas, propôs novos processos terapêuticos, revelando-se mestre dos mestres.

Comentando a obra realizada por Vampré, diz o professor Austregésilo na conclusão do parecer em que analisa os títulos do candidato à cadeira de Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina de São Paulo: "Da vasta, honesta e beneditina obra neurológica do candidato, podemos salientar como as mais interessantes: o mal de engasgo; o espasmo de torsão, o primeiro a ser registrado entre nós; a encefalite letárgica, também precocemente observada pelo professor Vampré, assim como a cataplexia; as contribuições acerca da doença de Charcôt; a radioterapia dos tumores intracranianos; as meningites linfocitárias benignas e o estudo sobre as hemianopsias e especialmente a aplicação das provas moderníssimas no dia prático das afecções nervosas. É o chefe da escola neurológica paulista; é a obra do candidato constitui padrão de orgulho para a ciência nacional."

Em igual época, assim se manifestou o Professor Aloísio de Castro: "Tenho conhecimento dos numerosos trabalhos científicos apresentados pelo candidato Dr. Enjolras Vampré e os julgo honrosos e valiosos. A sua vasta obra científica, conhecida e apreciada no Brasil e no exterior, representa um admirável esforço e pelo seu valor excepcional seria suficiente para conferir ao candidato, sem outras provas,

o posto que pleiteia. Na análise desses trabalhos subscrevo o parecer do meu douto colega professor Antonio Austregésilo."

Comentar todos os trabalhos publicados por Vampré seria inexequível em rápida síntese, pois que não houve departamento da Neurologia que a sua curiosidade não esmiuçasse; assim, o seu espírito observador coligiu elementos que lhe permitiram escrever sobre os mais diversos assuntos relacionado com a especialidade que abraçou.

Mas o grande mérito da sua obra consistiu em reunir contingentes clínicos relacionados com a patologia nervosa regional; exatamente a esses trabalhos é que Vampré emprestou, desde a sua tese inaugural, o máximo de seu esforço, como estão a demonstrar as monografias que reuniu nos cinco grossos volumes com os quais se candidatou à prova de títulos do concurso para a cadeira de Clínica Neurológica.

A sua contribuição não constitui apenas um motivo de orgulho para a ciência médica brasileira, mas é, sem favor nenhum, uma das maiores contribuições contemporâneas para o progresso da Neurologia mundial.

A NEUROCIRURGIA EM S. PAULO

Nos primórdios da neurocirurgia, quando os nossos grandes operadores, Arnaldo Vieira de Carvalho, Antonio Candido de Camargo e Walter Seng, iniciaram as primeiras intervenções sobre o sistema nervoso, verificaram ser imprescindível ao bom êxito operatório uma precisa localização do processo mórbido.

Vampré é o homem talhado para colaborar nesse promissor terreno, que abria novas possibilidades numa via até então inexplorada e que vinha permitir a salvação de casos até então tidos como irremediáveis.

Os primeiros resultados obtidos da conjugação dos esforços do neurologista e dos cirurgiões são levados por Vampré à Sociedade de Medicina e Cirurgia, em cujos Anais vamos encontrar magníficos estudos sobre a craniotomia temporária (em colaboração com Camargo); hemicrestesia e hemiplegias cerebrais traumáticas (em colaboração com Arnaldo Vieira de Carvalho); lesão traumática da quarta vértebra lombar (em colaboração com Sérgio Meira Filho); várias comunicações sobre a nevralgia facial essencial no seu tratamento pela alcoolização e extirpação do gânglio de Gasser (em colaboração com A. C. de Camargo); paralisia traumática do plexus braquial; traumatismo do crânio — bala encravada no cérebro; tumor no hemisfério esquerdo do cerebelo (em colaboração com Pacheco e Silva); injeções subaracnóideas de lipiodol (em colaboração com Felício Cintra do Prado); radiografia dos ventrículos laterais (em colaboração com o Dr. Mariano Leonel Neto); compressão da medula por tumor justamedular intradural (em colaboração com Paulino Longo); tumor do quarto ventrículo (em colaboração com Aderbal Tolosa); e tantas outras monografias denunciam o seu empenho em procurar, na cirurgia, elementos para salvar os seus doentes, onde a medicina se mostra impotente.

Um dos seus discípulos diletos, Carlos Gama, se consagra exclusivamente à cirurgia nervosa e ambos publicam uma série interminável de estudos sobre tumores cerebrais; laminectomias; novos processos de semiologia radiológica dos ventrículos cerebrais e do espaço subaracnóideo, bem como numerosos outros trabalhos de grande mérito. Mercê da colaboração de outros dois espíritos de escol — Cássio Vilaça e Oswaldo Lange — associando os novos recursos da neurocirurgia aos modernos processos da radiologia e da patologia do líquido cefalorraquidiano, organizou um serviço perfeito de semiologia neurológica, orientando uma série de pesquisas, cujos resultados incalculáveis honram a cultura médica paulista.

O PROFESSOR E O CHEFE DE ESCOLA

Ao assumir, por contrato, em 1925, a cadeira de Neurologia e Psiquiatria, até então ocupada por Franco da Rocha, Vampré dá maior desenvolvimento à Neurologia, muito

embora se não descuidasse dos principais síndromos psiquiátricos.

Investido das funções de professor, retoma inda maior alento e se dispõe, com uma vontade férrea e uma dedicação inigualável, a se consagrar ao ensino como um verdadeiro apóstolo.

Cerca-se de auxiliares inteligentes e operosos, imprime caráter essencialmente didático às suas aulas, que nunca deixou de ilustrar com observações pessoais. Estimula os seus assistentes, atrai novas vocações, distribui assunto de tese e orienta os seus discípulos na realização de trabalhos científicos.

Noite e dia, num dinamismo fervilhante, sem desfalecimentos, com uma atividade maravilhosa, nas enfermarias da Santa Casa, nos laboratórios da Faculdade, no Instituto Paulista e na clínica privada, Vampré movimentava uma plêiade de moços que trabalha e produz, elevando nos meios científicos nacionais e estrangeiros o nome de S. Paulo.

Dotado de grande sagacidade, Vampré, como que prevendo o seu fim prematuro e desejando ver a sua obra continuada, faz escola. Cerca-se de um numeroso grupo de alunos e, senhor desse raro dom de atrair para junto de si a juventude ardorosa, recruta, entre todas as turmas que passaram pela nossa Faculdade de Medicina, um ou mais discípulos.

São seus colaboradores mais próximos Aderbal Tolosa, primeiro assistente e que o substituiu, com rara competência, em seus impedimentos, e Paulino Longo, segundo assistente, que se mostra também apaixonado cultor da especialidade. A esses dois dedicados e competentes auxiliares, logo outros se agregam e Oswaldo Lange, hoje a nossa maior autoridade "liquórica", Carlos Gama, Henrique Mindlin, Fernando Bastos, Antonio Brandi e Freitas Julião vêm cerrar fileiras em torno do mestre incomparável.

Que importa que lhe não dêem os elementos necessários pelos quais ele clama sem cessar? Vai suprimindo com recursos próprios, com uma grande fé, a deficiência de instalações materiais. Adota uma divisa: "Despertar vocações e selecionar inteligências criadoras, cultivando a ciência médica propriamente dita, procurando despertar o gosto pelas pesquisas desinteressadas" — eis o lema que ele elege para si próprio e para os de sua escola.

Não tardam a surgir, desse trabalho ingente, os mais ótimos frutos. Anos a fio, da nossa Faculdade de Medicina saem teses inaugurais que fariam honra às mais antigas e tradicionais escolas do velho mundo. As que não são aprovadas com distinção é porque mereceram classificação inda mais alta: grande distinção. Todas elas trazem nas primeiras páginas palavras de reconhecimento ao mestre dedicado e amigo, que as orientara com paternal afeição, escolhendo o assunto, dividindo a matéria, revendo capítulos, coligindo bibliografias, facultando livros e revistas de sua biblioteca particular.

O CONCURSO

Do mestre dos mestres, com tamanho acervo de títulos, após onze anos de exercício no magistério superior como contratado, com uma incrível bagagem de trabalhos científicos, que se exige, meus senhores, para que seja investido das funções de catedrático? Um concurso.

A Congregação da Faculdade de Medicina já se havia anteriormente pronunciado, representando a quem de direito, fazendo acompanhar a sua proposta de exaustivo memorial contendo a narração de toda a vida científica e didática do mestre consagrado, indicando o nome de Vampré para professor catedrático de Clínica Neurológica. Mas, como tantas vezes sucede na vida, os regulamentos se opõem à indicação unânime dos professores.

Vampré curva-se à imposição e submete-se às provas do concurso. Diante dos seus discípulos estarecidos, o Mestre, encanecido no ensino, vai demonstrar publicamente... que tem capacidade didática. A sua prova oral a todos empolga, o espírito corre célere e a palavra não pode acompanhar as idéias, que jorram aos borbotões.

Terminado o concurso, classificado por grandes mestres da Neurologia brasileira com as maiores notas, Vampré recebe a justa consagração que lhe é devida, não tanto pelas provas que realizou, que a ninguém causa surpresa, mas pelo seu gesto a elas se submetendo. Austregésilo classifica-o de um ato de civismo; Bourroul, de um grande exemplo; Almeida Prado, uma lição aos moços.

Tinha sido cumprido o regulamento, mas o que custou à saúde de Vampré a sua conduta impecável, o seu espírito reto, a sua incomparável correção, só o tempo viria demonstrar.

NOVOS EMPREENDIMENTOS

Mas se tinha Vampré refeito das fadigas do concurso, reinicia a sua faina, sem sequer um dia de férias. Volta-se de novo para os seus trabalhos de pesquisa, aprofundando o estudo de um dos seus temas prediletos — A fisiopatologia do bulbo.

Reúne observações, coleciona bibliografias, elabora gráficos, escrevendo volumoso trabalho que será, dentro em breve, dado à publicidade, revisto pelos seus discípulos carinhosos. Com esse trabalho conquistou o prêmio "Honório Lfbero", desta Associação, em 1937.

E vimo-lo aqui sorridente, com os seus cabelos precocemente encanecidos, feliz entre os moços, recebendo o prêmio do seu justo labor e da sua inigualável vocação pelo estudo, que nunca o abandonou.

O HOMEM DE CORAÇÃO

Jamais se viu tanta delicadeza de sentimentos, afetividade mais exaltada pela família, pelos amigos, como a que caracterizava o nosso inesquecível associado. Mas, a par disso, se destacava a grandeza moral da sua alma: — São Paulo se movimentava, é a epopéia gloriosa de 32, todos partem e o único filho homem de Vampré vai também cumprir o seu dever de moço, alistando-se entre os que marcham para as trincheiras. Ele não se opõe e sofre conjuntamente com a esposa os sobressaltos de pais amantísimos. Há um combate no setor onde o filho se encontra e não se sabem notícias dos que tomaram. Vampré abandona os seus afazeres e segue para as linhas de frente. Alheio a todo conforto, vai ficar perto do filho que luta por São Paulo, mas não dá um passo para furtá-lo ao perigo.

Há precisamente dois anos, com outros professores e estudantes da nossa Faculdade de Medicina, parte Vampré para a Argentina em viagem de intercâmbio intelectual. Pela primeira vez em sua vida se separa da família e o seu pensamento volta-se constantemente para junto dos seus.

Em Buenos Aires, um amigo solícito sugere que se indaguem notícias de São Paulo por meio do rádio de ondas curtas. Vampré exulta de alegria. Ouve através do espaço a voz dos entes queridos, da esposa, da filha, e até o choro do netinho; quer responder, mas a emoção lhe embarga a voz e as lágrimas lhe rolam pelas faces, num misto de alegria e de saudade.

Chega, finalmente, a hora da partida; todos se movimentam nos preparativos finais; os colegas argentinos não nos deixam, cumulando-nos de gentilezas até os derradeiros momentos. Nisso, alguém dá pela falta de Vampré; começamos já a nos afligir, pois fora ele visto deixar o hotel. Onde teria ido? Indagam os presentes. Nesse instante, entra ele sorridente e nos confia ao ouvido — Esquecera-se, no atropelo de última hora, de comprar uma lembrança para uma velha serviçal de sua casa, que ele havia incorporado à família, e saíra para ir a um bazar fronteiriço adquirir o presente, que tanta alegria iria causar.

Esses fatos, na sua singeleza, dizem alto da pureza de sentimentos e da extrema sensibilidade afetiva daquele a quem hoje rendemos o preito da nossa homenagem, da nossa veneração e da nossa saudade.

ÚLTIMOS MOMENTOS

Numa linda manhã paulista do mês de maio, Vampré, sempre madrugador e pontual, comparece à Santa Casa

para proferir a sua lição quotidiana. Destaca naquele dia um dos seus assistentes para desenvolver determinado tema, mas num dado momento não se contém; iria ele próprio concluir a aula e inicia a sua exposição, sempre colorida e animada. A certa altura percebem os presentes que o professor não se sente bem e pedem-lhe para que interrompa a preleção. Ele acede no primeiro instante, mas, na esperança de poder continuar, não dispensa os alunos. O mal, entretanto, se agrava subitamente e Vampré tem perfeita consciência do seu estado. O seu último pensamento é dirigido para sua esposa dedicadíssima, modelo de companheira, cujas virtudes ele tanto se comprazia em exaltar. E aquele cérebro potente, que tão bem conhecia os mistérios do sistema nervoso, emudece para sempre. Correm os assistentes aflitos a medicá-lo e ali mesmo o acomodam.

Um dia, em Buenos Aires, ao ser saudado numa das magníficas recepções que lhe foram dispensadas, certo professor termina a saudação dirigida a Vampré com as seguintes palavras: — "É ao demais um investigador moderno que não deixa de procurar nenhum dos novos elementos que a técnica pode lhe facilitar para a exploração e o tratamento e é, sobretudo, um homem de coração para quem o sofrimento alheio não é indiferente e que põe o melhor do seu sentimento ao serviço dessa solidariedade humana que o leva, como ele mesmo o dissera, a pensar como se a indicação terapêutica devesse aplicar-se ao seu próprio cérebro."

A esse doloroso vaticínio vem juntar-se outra notável coincidência: Vampré estava inscrito para falar nesta Associação e se ocupava, ao adoecer, na redação de uma comunicação sobre o tratamento dos processos vasculares do encéfalo.

As suas sábias lições não são esquecidas pelos discípulos quando o doente é o próprio mestre. Em igual conjuntura, aconselhava ele que se locomovesse o paciente o menos possível e ele ali permanecera, naquela modestíssima sala, "de uma pobreza única", na sua própria expressão.

No dia seguinte ao da sua morte, São Paulo inteiro lamenta a enorme perda, de toda parte chegam manifestações de pesar e um cortejo imenso acompanha Vampré até à sua última morada, onde ele vai repousar na doce tranquilidade da terra que ele tanto amou e cujo nome ele tanto engrandeceu.

Meus senhores.

Quando a escola médica paulista tiver as suas tradições firmadas, quando as gerações futuras indagarem quais os precursores da nossa medicina científica, dois nomes não de refulgir no campo da Neuropatologia: — Franco da Rocha, o mais velho, fundador da nossa escola psiquiátrica, e Enjolras Vampré, o criador da nossa escola neurológica, ambos prematuramente roubados ao nosso convívio em tão curto lapso de tempo.

Considerar encerrado o ciclo da vida fecunda de Vampré, quando ele se encontrava ainda cheio de vitalidade no seu labutar incessante, sem ter sofrido a menor diminuição na sua invejável resistência física e na sua admirável capacidade de trabalho intelectual, nos acabrunha e nos torna inconsoláveis ante a inclemência da morte, diante da qual nós, médicos, deveríamos nos conformar.

Mas a figura do nosso querido companheiro, que hoje não responde ao nosso apelo, não vai desaparecer; a árvore frondosa caiu fulminada pelo raio, mas as sementes que ela espalhou aí estão crescendo cheias de viço, com a mesma pujança da cepa de onde provém.

Chateaubriand tinha razão quando nas suas memórias do além túmulo escreveu: — "Os vivos nada podem ensinar aos mortos; os mortos, pelo contrário, instruem os vivos."

A vida de Vampré é um manancial inesgotável de lições e de exemplos, que não cessará jamais de instruir a todos nós, seus discípulos, seus colegas, seus amigos, que hoje aqui nos reunimos para erguer piedoso culto à memória daquele cuja vida foi dominada por um grande amor à ciência, à família e à humanidade.